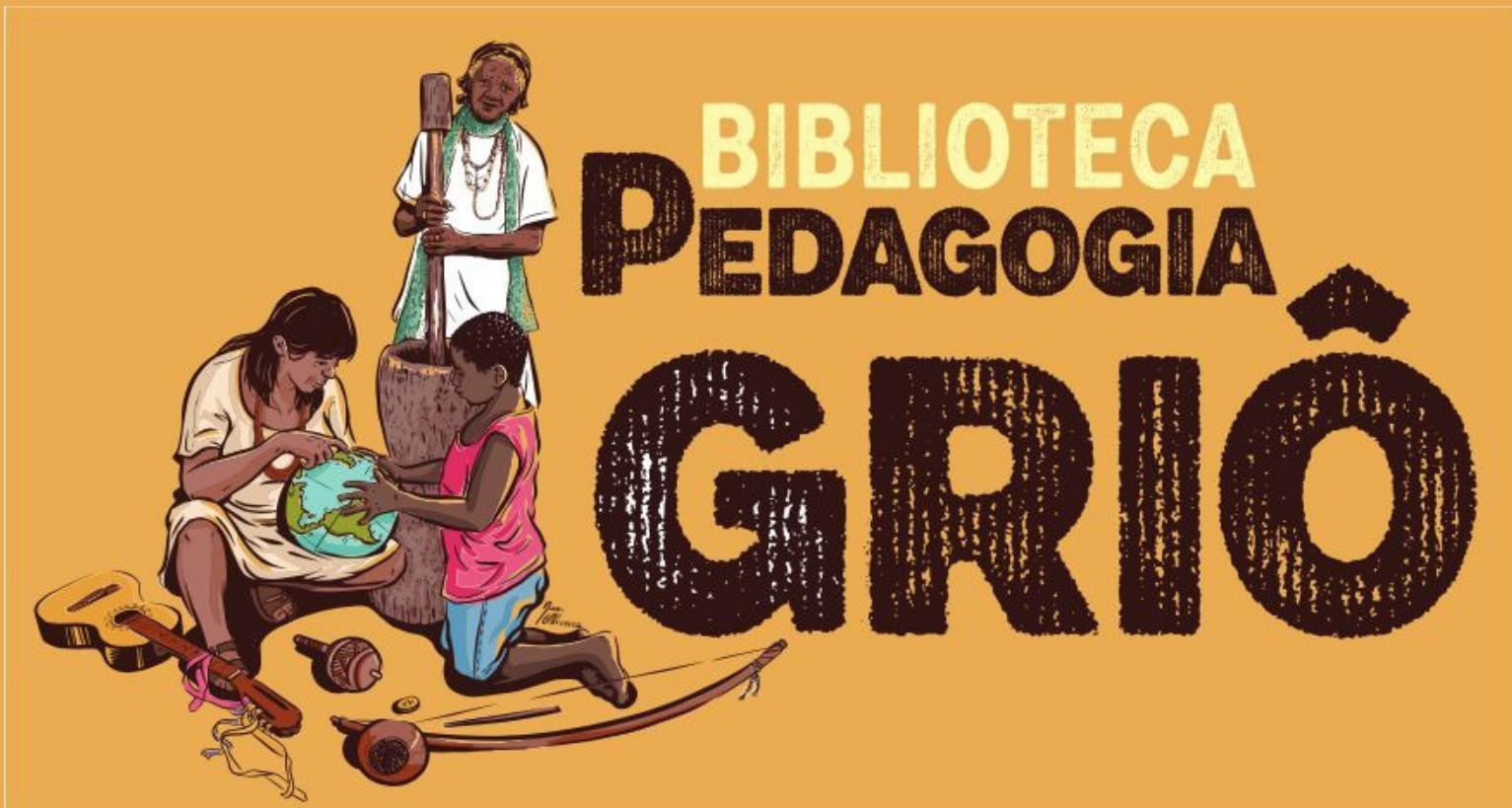


Universidade Candido Mendes
Pós-graduação Lato Sensu em Ensino de Artes



Flávia Pires Pacheco Lopes

**Teatro e animação na EJA:
apague a luz que agora eu vou contar**

**Feira de Santana
2017**



UNIVERSIDADE
CANDIDO MENDES

PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE ARTES

FLÁVIA PIRES PACHECO LOPES

TEATRO E ANIMAÇÃO NA EJA: Apague a luz que agora eu vou contar...

Feira de Santana-BA

2017

FLÁVIA PIRES PACHECO LOPES

TEATRO E ANIMAÇÃO NA EJA: Apague a luz que agora eu vou contar...

Trabalho de Conclusão de Curso, sob a forma de Artigo Científico, apresentado a Universidade Candido Mendes (UCAM), como requisito obrigatório para a conclusão do curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Ensino de Artes.

Orientador(a): Profa. Ms. Priscila Lícia de Castro Cerqueira

Feira de Santana-BA

2017

TEATRO E ANIMAÇÃO NA EJA: Apague a luz que agora eu vou contar...

*Flávia Pires Pacheco Lopes*¹

RESUMO

O presente artigo versa sobre os saberes e fazeres da tradição oral e da cultura popular aplicados a uma montagem cênica de Teatro de Animação em turmas da Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública da histórica cidade de Rio de Contas na Bahia. Reportando-se à Pedagogia Griô para uma análise reflexiva sobre todo o processo colaborativo de criação, montagem e apresentação do espetáculo "*Apague a luz que agora eu vou contar...*". E as barreiras encontradas para que os conhecimentos da cultura popular adentre os portões da escola, de forma não alegórica, afim de promover o fortalecimento identitário através da arte.

Palavras-chave: Teatro de Animação. Pedagogia Griô. EJA. Arte. Tradição oral.

INTRODUÇÃO: Pra começo de conversa...

"Confiar em nós mesmos, ver que somos capazes de saber, de querer, de conhecer, de enfrentar as dificuldades com sabedoria e amor, tudo que se faz, desde o mais simples, você se sente grande, importante." (Luzia - estudante da EJA)

Falar de educação, e mais precisamente do ensino da Arte em escolas públicas, parece uma tarefa difícil. Isso até nos envolvermos completamente nessa atmosfera que encanta e apaixonava. São as dificuldades encontradas ou a força dos seus agentes que nos fazem querer saber, falar, vivenciar mais desse universo? E quando, ainda, direcionamos os refletores para a cultura popular? Um saber que sempre esteve latente no meio escolar, tão vivo quanto as pessoas que na escola caminham, lêem, estudam... Também cantam, dançam e contam suas histórias. Aquela tarefa que parecia tão árdua: Fazer arte e discutir sobre práticas artístico-pedagógicas na escola à luz da cultura popular torna-se tão prazeroso quanto narrar uma bela história, cheia de aventuras, percalços e revelações, longe de ainda ter um final feliz, mas com alegrias tantas que o desejo de vivenciá-las faz-se maior do que querer chegar ao fim. Segundo Desgranges (2010, p. 21) "torna-se, em nossos dias, um desafio constante as tentativas de elucidar em que medida a experiência artística pode, por si, ser compreendida como ação educativa".

Ensinar, apreciar e fazer arte na escola se vistas com o olhar da tradição oral, um lugar onde a arte não se dissocia do que vivenciamos no nosso cotidiano, vestida com um figurino especial, com a música certa, a luz, a cor e a palavra sensível à vida. Com sua própria linguagem, aponta-nos caminhos para uma evolução do sistema escolar por meio da tradição. Parece paradoxal voltar à essência das comunidades ditas primitivas, no entanto aliar toda essa carga de conhecimentos, ainda vivas, à educação formal, propõe que a escola não seja apenas um lugar de adquirir conteúdos e sim um lugar vivo, onde o conhecimento também o é.

Licenciada em Letras(2001) e Teatro(2016) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, concluinte do curso de Pós graduação em Ensino de Artes pela Universidade Candido Mendes, professora da Rede Estadual de Ensino da Bahia, Contadora de histórias, arte-educadora, atriz, Griô aprendiz, artesã, bonequeira. flaviapachecorc@gmail.com (77)98154-9747

Podemos observar aqui, que além da contemplação da arte, a construção de uma obra artística propicia o retorno para a própria história dos participantes no processo criativo onde “o contemplador recorre à sua experiência pessoal, para, baseado em sua própria vida, formular uma compreensão da arte ao rever os fatos de sua história” (DESGRANGES, 2010, p.32).

No entanto as barreiras impostas pelo sistema formal de educação para a inclusão da cultura popular no currículo escolar implica rejeição desses aspectos pelos estudantes dentro da escola, subestimando o potencial inerente do seu próprio fazer, sendo eles os componentes dessa cultura nas práticas ainda realizadas em pequenos grupos isolados, com nítida participação das crianças, dos jovens, dos adultos e dos idosos, mas que não consegue atravessar com fluidez os portões da escola, visto que tal conhecimento não é legitimado neste âmbito formal da sociedade. Essa invisibilidade dos saberes e fazeres da cultura popular dentro do ambiente escolar gera o enfraquecimento das práticas dos cantos e danças, das histórias, mitos, lendas e arquétipos na comunidade? Trazer para o chão da sala de aula a magia e poder dos encantados, mitos e arquétipos abraçados com os conhecimentos do teatro de animação favorece e viabiliza a retomada da cultura e contos da oralidade? Na busca de respostas para estes questionamentos e com desejo de integrar esses saberes de tradição oral aos saberes da educação formal é que, em nossa caminhada, damos as mãos ao Programa Ação Griô Nacional, instituído pelo Pontão de Cultura Grãos de Luz e Griô, de Lençóis na Bahia em parceria com o Ministério da Cultura como Linha de Ação do Programa Cultura Viva, idealizado por Célio Turino. "A missão da Ação Griô Nacional é fortalecer a ancestralidade e a identidade do povo brasileiro por meio do reconhecimento do lugar político, sociocultural e econômico de Griôs e mestres de tradição oral na educação" (PACHECO/CAIRES, 2010, P.17)

E é, como em um cortejo de chegança, que convidamos para uma reflexão sobre uma experiência de construção criativa, coletiva e colaborativa de um espetáculo de Teatro de Animação, que traz como eixos o Teatro de Formas Animadas, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a história e presença dos seres encantados na vida de uma pequena cidade da Chapada Diamantina, a histórica Rio de Contas na Bahia. Esferas que encontram a química perfeita na roda da cultura popular, com o encanto dos mitos, a alegria das feiras livres, a irreverência e simplicidade do boneco, aspectos essenciais para adentrarmos nessa ciranda, conduzida por uma nova metodologia: a Pedagogia Griô que propõe uma educação estética e afetiva, pautada principalmente em conceitos paulofreirianos e da Biodança. Sigamos além do

desejo de explorar o cunho pedagógico do Teatro de Animação, visando não só propiciar aos participantes a oportunidade de serem representados pelo boneco, em dar vida e voz para fantoches, mamulengos, sombras e objetos. “O Teatro de animação trabalha com a matéria concreta que, pela energia recebida do ator, torna-se animada, faz-se personagem”. (MÓIN-MÓIN, 2005, p. 16)

Nosso intuito é trazer para o centro da roda uma análise reflexiva sobre experiências vividas no período de realização do Estágio Supervisionado II, momento de prática do aprendizado adquirido e construído durante o curso de Licenciatura Plena em Artes/Teatro do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR na Universidade Estadual do Sudeste da Bahia – UESB.

Sujeitos da EJA

“São sujeitos de direito da EJA jovens, adultos e idosos; homens e mulheres que lutam pela sobrevivência nas cidades ou nos campos. Em sua maior parte, os sujeitos da EJA são negros e, em especial, mulheres negras.” (BAHIA, 2009, P. 11)

A busca pela escola por alunos adultos perpassa tão somente o desejo do letramento, sendo este espaço um lugar de legitimidade na sociedade, este aluno se sente então inserido nessa sociedade instituída pelo estado e isso muitas vezes não acontece em outros espaços. Socializar-se, ser um agente produtor, galgar mais espaço no mercado de trabalho, são essas e tantas outras as razões que levam jovens, adultos e idosos a se matricularem em uma Unidade Escolar da Rede Pública de Ensino. Este estudante, deferentemente da criança, é um ser pleno de experiências de vida, caminho propício para a aquisição dos saberes escolares, sendo estes produzidos de forma mutua em uma troca entre educador e educando, chegando ao ponto dos conceitos de quem aprende e quem ensina se fundam de maneira indissociável. É importante saber que o estado trabalha para a legitimação dessa condição diferenciada na EJA, reconhecendo seus sujeitos assim como aponta a citação que introduz este subtema. Reconhecer, registrar, capacitar os profissionais que trabalham com essa clientela é, sem dúvida, é um grande passo para garantir o sucesso dessas pessoas em sua formação escolar e assegurar liberdade ao docente que pretende desenvolver um trabalho de qualidade nesse segmento da educação, sobretudo na área das artes.

Dimensionar a Educação de Jovens e adultos sob o paradigma da estética significa investir em sujeitos autônomos, que se reconhecem como fazedores de história; indivíduos curiosos, sensíveis, criativos, intuitivos, plenos e inteiros com sua relação consigo, com o outro e com o mundo; sujeitos livres para se autodeterminarem, para orientarem seus desejos, para sonharem. (CARBONELL, 2012, P. 23)

A disciplina a qual foi desenvolvido o processo de criação cênica que abordaremos no presente artigo se intitula *Artes e Atividades Laborais*, que perpassa os conceitos do ensino da

Arte na Educação Básica Regular. Propõe uma relação do fazer artístico com as experiências e saberes dos alunos de forma ampla, dialogando com o seu fazer cotidiano, profissional e cultural; englobando também atividades físicas esportivas inter-relacionadas com os conhecimentos das diversas áreas artísticas. No estado da Bahia utiliza-se um material didático que contempla essa peculiaridade e trabalha os conteúdos de forma integrada e interdisciplinar sem, contudo engessar o trabalho do professor, dando vazão às intervenções necessárias conforme a realidade do aluno, estimulando a inserção da sua herança cultural na sala de aula, com afirma a pesquisadora Sonia Carbonell:

[...] quando se abrem espaços para que se mostrem seu potencial criativo e a pujança de sua herança cultural, os jovens e adultos revelam um acervo extraordinário de saberes, de práticas e tradições ligadas à música, à dança, às artes plásticas, à religião e à natureza. (CARBONELL, 2012, P. 27)

Observemos as possibilidades postas nos objetivos encontrados no *Caderno Didático do Percurso da Aprendizagem da área LINGUAGENS (Língua Portuguesa, Matemática, Artes e Atividades Laborais)*, para EJA, publicado pela Superintendência de Desenvolvimento da Educação Básica (SUDEB).

- Conhecer e valorizar a diversidade cultural, artística e brasileira, fomentando atitude de respeito às diferenças.
- Interessar-se pelas artes como forma de conhecimento, interpretação dos homens sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca.
- Reconhecer o caráter dinâmico da cultura, valorizando o patrimônio cultural e artístico de acordo com os tempos históricos.
- Valorizar a corporeidade, o lúdico, os esportes e o movimento na formação do ser humano.

É satisfatório constatar que a equipe da Unidade Escolar, Colégio Estadual Carlos Souto de Rio de Contas, Bahia, onde foi realizada a experiência Cênica aqui analisada se esmera em desenvolver um trabalho de acordo com as diretrizes e parâmetros estabelecidos para a EJA em nosso estado, buscando atingir os objetivos acima expostos em consonância com a realidade da comunidade, priorizando as múltiplas leituras de mundo dos estudantes.

Mas, afinal... Que pedagogia é essa?

Este projeto que vos falo
Trata de uma reinvenção
Do Griô que veio da África
Do Brasil e da tradição
Dos que guardam na memória,
Preservando nossa história
Geração em geração.
A Pedagogia Griô
Vem de um Ponto de Cultura
De Lençóis, lá na Bahia
Vida roda se mistura
O Grãos de Luz e Griô

Criança velho professor
O criador, a criatura (...)

(Versos do cordel *O Griô de todo canto*,
de Márcio Caíres, fevereiro, 2006)

6

A Pedagogia Griô configura um modelo de ação pedagógica idealizado pela educadora biocêntrica Líllian Pacheco no âmbito do *Projeto Grãos de Luz e Griô* de Lençóis na Bahia.

É uma pedagogia da vivência de rituais afetivos e culturais que facilitam o diálogo entre as idades, a escola e a comunidade, grupos étnico-raciais, tradição e contemporaneidade, interagindo e mediando saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais, por meio do reconhecimento do lugar social, político e econômico dos mestres Griôs na educação, para a elaboração do conhecimento e de um projeto de vida que tem como foco a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração da vida. (PACHECO, L., 2015, p. 66)

Para a Pedagogia Griô (PACHECO, L., 2015, p.41) a história de vida de cada um está entremeadada com a história do povo a que pertence, numa integração com o mundo, sendo este o único laço passível de ser reatado.

As perguntas e respostas giram em torno de saberes, processos e linguagens de elaboração do conhecimento da tradição oral, no diálogo com a tradição escrita, tendo como inter subjetividade do diálogo a cultura a favor da diversidade da vida e dos povos.(PACHECO, L., 2015, p. 44)

A figura mítica do *Griô*, termo abraçileirado do francês *griot*, na tradição oral do noroeste da África é denominado *Dielis*, que significa “o sangue que circula”, fazendo justamente uma analogia aos saberes, conhecimentos e valores que são levados pelo caminhante entre comunidades e grupos, gerando a força vital que move e mantêm a tradição oral e o reconhecimento da ancestralidade e da identidade de um povo. É um/a cantador/eira, poeta, contador/a de histórias, genealogista, artista, comunicador/a tradicional, mediador/a político/a que vive caminhando entre as comunidades, aprendendo e ensinando a cultura da região, “representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade, onde o livro não tem papel social prioritário”. (PACHECO, L., 2015, p. 62).

Griô: todo(a) cidadão(ã) que se reconheça e seja reconhecido(a) pela sua própria comunidade como herdeiro(a) dos saberes e fazeres da tradição oral e que, através do poder da palavra, da oralidade, da corporeidade e da vivência, dialoga, aprende, ensina e torna-se a memória viva e afetiva da tradição oral, transmitindo saberes e fazeres de geração em geração, garantindo a ancestralidade e identidade do seu povo. (PACHECO, L., 2015, p. 64)

Na Pedagogia Griô evidencia-se o termo “Griô Aprendiz”, que diferente do Griô de tradição oral e do Griô mestre, é iniciado em vivências e rituais não necessariamente familiares, construindo a sua caminha através do reconhecimento e identificação própria como um Griô,

...Ele é antes detudo, um arquétipo, ou seja, um personagem mítico, um encantado de alguém que doa sua corporeidade como lugar de registro, biblioteca viva e transmissão dos saberes e fazeres de comunidades, grupos e povos de tradição oral, garantindo assim a continuidade da rede de transmissão oral. Na tradição oral, o livro é a memória da pele, a memória do inconsciente e dos sentimentos, a memória musical, a memória do movimento. (PACHECO, L., 2015, p. 7)

O Griô Aprendiz é peça chave para a intersecção entre a tradição oral e a educação formal, para o reconhecimento dos saberes da cultura popular, dentro das instituições de

ensino, integrados ao currículo escolar. Ele é a ponte, o fio que puxa e costura essas duas vertentes do saber, não vistas como antagônicas, e sim como pontos de integração e fortalecimento, não como saberes excludentes, e sim complementares, ambas necessárias para a construção integral do ser humano. O/A Aprendiz é aquele/a pesquisador/a, mediador/a, autodidata, fomentador/a e facilitador/a do saber por meio do encantamento e da palavra.

As possibilidades de intervenção pedagógicas cotidianas que os professores vislumbram durante os encontros formativos da Pedagogia Griô em conjunto com as mediações do Griô Aprendiz mostram-se como etnométodos centrais da Pedagogia Griô e que possam configurar atos de currículo na escola (PACHECO, P.,2015, p. 371)

Nasce então, “da mesma barriga” que a Pedagogia Griô uma figura cantante, dançante e ao mesmo tempo austera, é o Velho Griô, encarnado pela pessoa do educador Márcio Caires:

Lá, nos sertões da África, entre aldeias distantes, caminham mulheres e homens, aprendendo e ensinando a sabedoria de um povo... São os Griôs... e quando os Griôs chegam nas aldeias, as crianças, os pais, as tias e a avós, sentam na roda, e está aberto o ritual do contador de histórias.²(Marcio Caires)

Paletó bordado, viola com fitas e o seu chapéu, que é deixado no centro da roda, dando a vez a quem pegar “jogar” então o versinho e se mostrar. Nesse momento o participante é *uno*, ser único que integra uma totalidade (observar o modelo de identidade em espiral. Figura 1). Quando o Velho Griô chega às escolas é uma surpresa para os alunos, combinado previamente somente com a professora. A aula é “interrompida” com o som das cantigas do cortejo de chegada, nas escolas por onde ele já passou, as crianças sabem como funciona o ritual, e quando é novidade, é algo tão orgânico e íntimo que vamos sabendo, meio que intuitivamente o que fazer, seguindo o olhar, os gestos e a voz firme do Velho Griô, que ora brincalhão, ora misterioso canta, brinca e conta coisas de uma cultura que só se aprende frente a frente. “A gente passava em todas as escolas caminhando, brincando, fazendo surpresas e criando esse jeito de chegar à educação formal...” (PACHECO,2009)

Observando o Modelo de Identidade em espiral, proposto pela Pedagogia Griô nos deixa claro a relação do ser único em sua totalidade em vários âmbitos do estar no mundo, como “eu”, como “nós”, dentro de nossa trajetória particular e coletiva, ancorados nos vários aspectos e então, imersos na consciência de si mesmo e da ancestralidade. “Cada um dos polos do espiral nutre a consciência de si mesmo e da ancestralidade. E todos os significados estão ligados por uma linha espiral que é a própria consciência da vida que forma a identidade.” (PACHECO, 2006, p. 106)

²Fala de abertura do ritual do contador de histórias do Velho Griô.

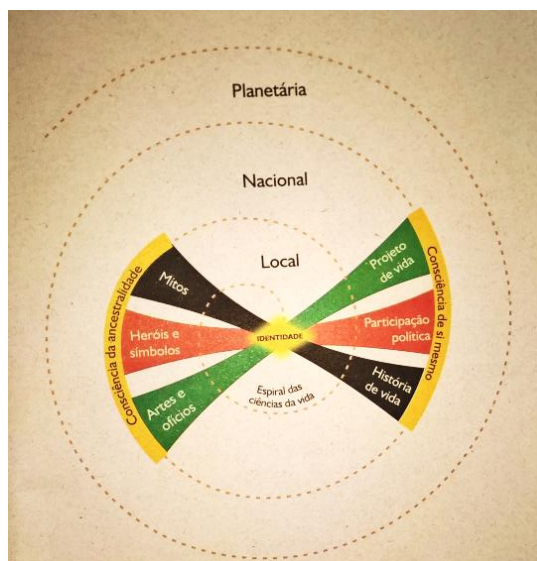


Figura 1: Modelo de Identidade em Espiral da Pedagogia Griô (PACHECO, 2006, p. 107)

A propagação dos fundamentos da Pedagogia Griô iniciou-se no Brasil através de redes de Pontos de Cultura. Atualmente o projeto também se revela nas instâncias legislativas através da Rede Ação Griô Nacional que busca a aprovação da Lei Griô e tendo como missão “uma política nacional de transmissão de saberes da tradição oral em diálogo com a educação formal para fortalecer a ancestralidade e a identidade do povo brasileiro por meio do reconhecimento político, econômico e sócio cultural dos Griôs brasileiros”. (PACHECO, 2009)

A realização dos projetos da Rede Ação Griô Nacional e a aprovação da lei que regularmente essa política almeja, portanto, o justo reconhecimento dos Griôs brasileiros implicando dessa forma na valorização das artes e saberes da tradição oral nas redes de conhecimento dentro e fora das escolas e universidades.

Do Grão ao Sonho: chegada da Pedagogia Griô em Rio de Contas.

Esse Sonho, trago na cabeça e no coração desde quando eu, ainda pequena, costurava roupinhas de bonecas na antiga Singer de pedal de minha avó.(Flávia Pacheco)

A Pedagogia Griô chegou à Rio de Contas em 2006, por meio da antropóloga e mestra em Educação Patrícia Pacheco, que já pesquisava e se interessava por esse modo de educação, emediou o contato de Líllian Pacheco com um grupo de educadoras e artistas, integrantes do grupo informal *Oficina de Sonhos e Bonecos*, que já desenvolviam trabalhos com características próximas das que aconteciam em Lençóis.

Uma iniciativa da arte-educadora, bonequeira, e contadora de histórias Flávia Pacheco, para realização de projetos que envolvam arte, cultura e educação. É um sonho que nasceu em 1996 em Vitória da Conquista-Ba . Desde então muitos bonecos

ganharam vida, muitos sonhos foram realizados e ainda há muitos sendo sonhados...
(<http://sonhosebonecos.blogspot.com.br>, acesso 10/02/2016)

Esse encontro fundou uma parceria que desde então leva as ações da Pedagogia Griô também para as comunidades de Rio de Contas. Seminários, formações, caminhadas, reuniões... parceria, afeto, troca, aprendizado... A "*Sonhos*" vai amadurecendo com o que aprende com o Grãos de Luz e Griô e juntos inauguram a "Casinha dos Sonhos", assim batizada pela madrinha Lílian Pacheco, um projeto financiado pelo Criança Esperança da Rede Globo, com a mesma filosofia das oficinas Grãos de Luz e Griô já explicitada acima, norteando suas atividades com a Pedagogia Griô. Essa ação gerou a aprovação em editais para a *Sonhos e Bonecos*, tornando-se em 2008 um Ponto de Cultura, seguindo os passos da ONG Grãos de Luz e Griô e também, por esta, conduzidas pelas mãos.

Deste tempo para cá, muitos outros editais foram conquistados como o "Prêmio Servidor Cidadão" (2008), "Prêmio Griô, na Escola na Internet e na TV" (2012) com um projeto também desenvolvido no Colégio Estadual Carlos Souto, dando visibilidade a alguns Griôs de Rio de Contas, e mais recentemente (2015), o Edital Ação Griô Bahia com o mestre violeiro Benedito Novais ou Dito Cego/violeiro, como é conhecido na cidade, convidado especial no espetáculo "*Apague a luz que agora eu vou contar...*" objeto de estudo do presente artigo.

Rio de Contas, celeiro cultural e artístico, é conhecida pelo grande valor histórico e natural que possui. Com uma população de 13.710 habitantes (IBGE para 2009), tem como base econômica a agricultura e a pecuária de menor porte e o comércio. Observar mais de perto a cultura de Rio de Contas nos possibilita enxergar um potencial nato, são artistas plásticos, músicos, atores, artesãos, etc. Que trazem sua formação de "dentro de casa", com suas famílias de tradição naquela determinada forma artístico-cultural. Um povo criativo, e que acima de tudo, não desiste das tradições que são mantidas com esmero pela comunidade. São ternos de reis, sambadores, escultores, bonequeiros, artesãos, grupos musicais e foliões, que se mantêm por si só, com a força da tradição e com um envolvimento considerável dos jovens que acompanham suas famílias em todo processo de realização das manifestações culturais.

A cultura é um processo de desenvolvimento humano, um percurso histórico ativo, no qual o homem transforma e é transformado pelo mundo numa relação recíproca. Seja denominada popular ou erudita, há elementos que atravessam os tempos numa construção coletiva e sempre em ebulição. E sua força está na prática da transmissão, da aprendizagem e da renovação criativa dos saberes, das expressões e das culturas. (OLIVEIRA, 2012, p. 74)

Assim como o Velho Griô de Lençóis, inicia-se em 2006 a formação da Griô Aprendiz Flávia Pacheco, que vive a "Nega do Zofir", personagem mítica inspirado em uma pedra esculpida pelo tempo, pintada pelo artista visionário Zofir Brasil, no alto da Serra das Almas, portal sul

da Chapada Diamantina. “Quanto tempo a pedra se fez vida antes de se tornar pintura e antes de se tornar gente?”³ E ela se tornou gente na pele de uma professora, não apenas uma pedra, mas um símbolo gigante do que trazia dentro de si desde menina. A Nega usa um avental e dele faz surgir bonecos e histórias, levados pela sua saia de chita e ao som do pandeiro que dá o ritmo às suas caminhadas pelas escolas, formações de professores e eventos culturais e educacionais.

Apague a luz que agora eu vou contar...

Quando não havia luz elétrica, as pessoas sentavam-se na varanda, na porta da casa, nas calçadas [...] para os contos, lendas e mitos que em seu imaginário construía o mundo fantástico ao qual pertenciam seres encantados deste e de outros mundos, as narrativas envolviam pessoas de todas as idades. Hoje te convido à por um freio no galope do tempo e apagar a luz, e, aos poucos se deixar iluminar pela claridade da imaginação construída com a força do nosso folclore, revisitado e recontado com outras vozes, sombras, cores e sons.⁴ (Benedito Oliveira)

Depois de toda a construção teórica e contextualização do tema que estamos abordando no presente escrito, chegamos enfim ao nosso objeto de estudo propriamente dito: A construção criativa, coletiva e colaborativa do espetáculo de Teatro de Formas Animadas, desenvolvida com turmas da Educação de Jovens e Adultos do Colégio Estadual Carlos Souto em Rio de Contas na Bahia, tendo como metodologia de aplicabilidade a Pedagogia Griô.

[...]Aprendizagem colaborativa, quando não há transmissão no sentido clássico, quer dizer, do “mestre” ao aprendiz, mas a construção de conhecimentos num processo colaborativo no qual todos os indivíduos de um determinado grupo vivem os diversos papéis, alternadamente. (PONTES e MAGALHÃES, 2003, *apud* OLIVEIRA, 2012, p. 75)

Normalmente ao iniciarmos um processo coletivo de criação cênica, lançamos mão de uma série de autores especificamente da área de Teatro para preparação corporal, para ativar o estado de prontidão, de atenção e memória do grupo. Todavia, na realização do trabalho pedagógico que aqui se mostra nos apropriamos de jogos, brincadeiras, danças e formas de fazer da cultura popular encontradas nas tradições, passadas de geração a geração, rituais de vínculo e aprendizagem como os reisados, rodas de capoeira, de samba, de cantigas e versos,

³Trecho da dedicatória escrita por Lillian Pacheco à Flávia ao autografar o livro “A reinvenção da Roda da Vida, incorporado à fala de chegada da Nega do Zofir.

⁴Prólogo do espetáculo colaborativo “Apague a luz que agora eu vou contar...”, coordenado pelo professor da UNEB José Benedito Andrade Oliveira, no curso e Licenciatura plena em Artes/Teatro – PARFOR. Texto base para construção do espetáculo omônimo aqui analisado)

e das diversas manifestações culturais encontradas no Brasil. Observamos, sem dúvida, que este foi o diferencial que impulsionou a continuidade do projeto.

Pensando sobre a prática da sala de aula e da oficina, seja no meio formal ou informal, percebemos que os rituais de vínculo e aprendizagem **mudam o centro da aprendizagem para a identidade e a vida**, assim como propõe a educação biocêntrica e a escola da vida da tradição oral. (PACHECO, 2006, P. 106, grifo do autor)

A temática do espetáculo também foi escolhida afim de favorecer o fortalecimento dessa cultura, a partir de *causos*, lendas e mitos contados pelos alunos nos rituais de vínculo e aprendizagem vivenciados em sala de aula, foram extraídas as histórias para a composição do texto dramático bem como de toda a atmosfera do espetáculo.

CENA IV – –Mula sem cabeça –

(Mariquinha, padre, freira, velha, Chico Cheiroso)

(entra Mariquinha toda faceira, refrão xote das meninas, em seguida entra o padre)

MARIQUINHA –(voz sedutora) *Oxe* seu padre o senhor tá bonito hoje heim?

PADRE– (interessado) A senhorita acha dona Mariquinha? Obrigado, desse jeito eu fico encabulado!

MARIQUINHA – (insinuante) Acho sim senhor!!! Fique não seu padre, inclusive eu to precisando me confessar.

PADRE: E uma senhorita tão distinta tem tantos pecados assim?

MARIQUINHA: Ô seu padre, o Senhor nem imagina.

PADRE: Então vamos comigo até o confessionário.
(os dois vão para o outro canto do palco).⁵

Para o melhor entendimento do processo como um todo foi seguido o seguinte esquema de trabalho: Sensibilização; investigação; construção e apresentação. Seguindo a Curva da Vivência da Pedagogia Griô. Observe o gráfico ilustrativo e em seguida acompanhem a descrição e análise de todo o processo.

⁵Trecho do texto dramático construído coletivamente.

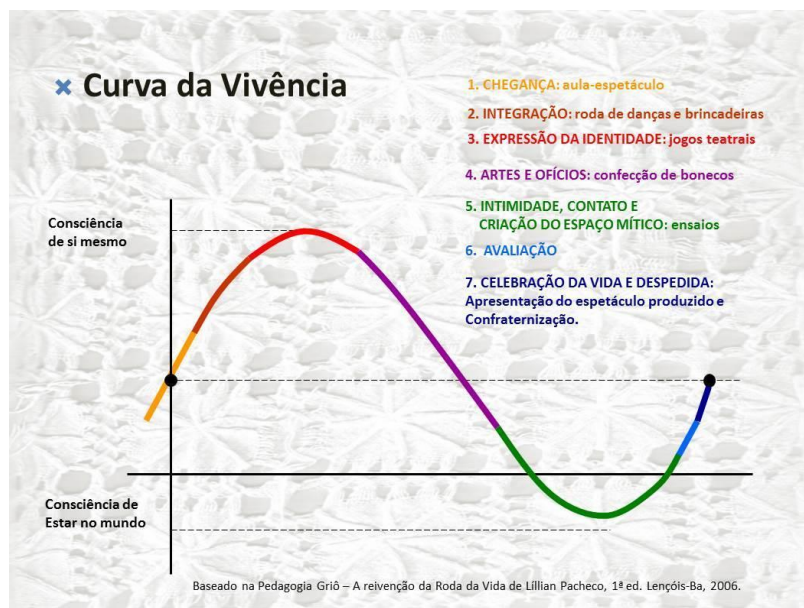


Figura 2: Elaborada com base na Curva da Vivência da Pedagogia Griô (PACHECO, 2006, p. 93)

A fim de sensibilizar o grupo para as coisas da cultura popular de sua localidade, foram realizadas rodas de ciranda, samba, cantigas, versos e histórias. Tendo em vistas que por serem adultos, de uma cidade do interior, que ainda preservavam tradições, trazem no bojo da sua história esses saberes e vivências que habitualmente não são evidenciadas na escola, ficando assim à margem do conhecimento legitimado no campo da educação. Ao passo que esses saberes e fazeres são colocados no centro da sala de aula o olhar para tais conhecimentos é modificado, tornando-os valiosos como de fato os são. Esta etapa corresponde aos pontos 1. *Chegança*, 2. *Integração* e 3. *Expressão da identidade* na Curva da Vivência da Pedagogia Griô (Figura 2). É o convite para a participação efetiva dos alunos no ritual do contador de histórias. Foi notório o interesse de todos que assistiam, não só os alunos, mas também os funcionários e professores. Tudo fluiu de forma muito leve e alegre. Naquele momento ficou concretizada a força e alegria da cultura em que aquelas pessoas estão emersas, a memória corpóreo-afetiva que ali encontrava terreno fértil para se apropriar do ambiente escolar.

A memória cria, de fato, uma ligação temporal sensível entre lugar e corpo, e faz ressentir, em dado momento, o que foi ou poderia ter sido, na reconstrução de um passado no momento presente. (ROLAND, 2005, p. 95, *apud* OLIVEIRA, 2012)

E o burburinho se seguiu na hora da merenda, da saída e com certeza na chegada dos estudantes em suas casas, aquela história não iria ficar apenas no âmbito escolar: é a comunidade na escola e a escola na comunidade.

Nas aulas que se seguiram tocamos instrumentos musicais produzindo sons variados e realizamos experimentações cênicas com bonecos, nesse momento cada um cantou, de improviso, músicas conhecidas na região e falaram pela boca do boneco.

Após a sensibilização, uma centelha é acesa dentro de cada um, uma curiosidade de saber mais, investigar sobre os mitos e encantados da região. Uma pesquisa que foi orientada para ser feita de forma mais natural possível, em conversas com os mais velhos da comunidade, passo crucial para a construção do espetáculo, que foi feito a partir das histórias contadas em sala de aula por cada um, que pesquisou, ou que tinha suas próprias histórias pra contar.

[...] quem sabe ouvir uma história, sabe contar histórias, Quem ouve histórias, sendo estimulado a compreendê-las, exercita também a capacidade de criar e contar histórias, sentindo-se quem sabe, motivado a escrever histórias [...] (DESGRANGES, 2010. p.23)

Em outro momento registramos, em desenhos esses encantados, mitos como a Mula-sem-cabeça, Mãe do Mato, O Boto entre outros, que se tornariam os personagens de cada cena. Registramos, de forma escrita, também as histórias preservando a coloquialidade com que foram contadas. Confeccionamos os bonecos com materiais recicláveis, garrafas, jornal etc. Então, de posse das histórias, nos baseamos no texto elaborado pelo professor da UNEB de Irecê José Benedito Andrade Oliveira para a disciplina Teatro de Formas Animadas do curso de Artes/Teatro – PARFOR/UESB e adaptamos com os personagens que pesquisamos e também com as músicas que usamos nas rodas e cirandas (essa etapa denomina-se *Artes e ofícios* segundo a Curva da Vivência). Começamos os ensaios já com a divisão dos papéis e tarefas para a *Criação do espaço mítico*, um momento de construção e desconstrução, ajustes e mergulho na essência das histórias.

Os ensaios foram uma festa à parte. Muitos dos nossos alunos integram grupos musicais e de terno de reis da cidade e convidamos Dito Violeiro, Griô mestre da Rede Ação Griô Bahia, que abrilhantou a apresentação como figura viva dessa integração entre a tradição oral e educação formal. A sonoplastia alcançou um diálogo perfeito com todo o conjunto do espetáculo, a equipe de alunos responsáveis realizou um trabalho harmônico, explorando a sonoridade dos instrumentos de percussão e recursos sonoros, que criou toda a atmosfera do espetáculo. Um fato a se destacar foi a integração dos alunos de outras turmas que se engajaram no processo de criação e apresentação do espetáculo.

A culminância, ou *Celebração e despedida* (Curva da Vivência), se deu por meio da apresentação do espetáculo, momento mágico que aconteceu na finalização da *VI Feira*

Interdisciplinar de Ciência Cultura e Arte – FICCA, um projeto anual do Colégio Estadual Carlos Souto e contou com a participação maciça da comunidade.

Bonecos a postos. O som, a luz e todos os detalhes arranjados, deram-se início ao espetáculo. Agora não mais nos preocupamos se ia ou não dar certo, apenas brincamos, e deixamos que a nossa memória emocional, afetiva e corpórea falasse mais alto, de certa forma relaxamos, nos divertimos com toda aquela fantasia e magia que emana dos encantados, tomando conta de ambiente, inclusive da platéia que dançou, cantou, sorriu, sentiu medo e se emocionou com histórias que circundam o imaginário coletivo desde muito tempo e que agora era revisitado naquela peça de Teatro de Animação onde:

A matéria em si possui energia e, quando essa energia se aglomera ou se distende, detona um movimento que, por sua vez, cria outras realidades, diferentes das que existiam antes. A energia que se desprende da matéria cria uma força que a transcende. A tudo isso chamamos: Vida. (MÓIN-MÓIN, 2005, p 17)

A Avaliação acontecia a cada encontro, em rodas de conversa, eram colocados sentimentos, impressões, sugestões. Após a apresentação do espetáculo em uma roda de avaliação, todos puderam falar um pouco do que foi a apresentação, de como se sentiram, etc. Um pequeno questionário foi distribuído aos alunos em forma de auto avaliação, das quais algumas respostas ilustraram o presente texto. "Foi uma coisa que eu nunca tinha visto tão próximo de mim, e eu acabei gostando..." (Reginaldo, estudante da EJA)

Considerações e Despedida

Acenda a luz, que acabamos de contar;
Lindas histórias, da folgança popular;
[...]Agradecemos, aos seres encantados;
Tô indo embora, pois já dei o meu recado.⁶
(Benedito Oliveira)

Tendo como objetivo celebrar a vida e o estar no mundo por meio da prática do Teatro de Animação, nas suas diversas facetas emersas da cultura popular, propiciadas nas oficinas de montagem e apresentação desta modalidade artística na EJA, seguindo os preceitos da Pedagogia Griô, visando o fortalecimento da cultura popular, constatamos, por tudo aqui exposto, a eficácia desse etnométodo para a integração dos saberes de tradição oral ao ensino formal. Reiteramos o encantamento dessa constatação pelo trabalho realizado, pelo aprendizado coletivo, pela afetividade e estética ímpar com que se concretizou esta pesquisa. É um desafio que pode e deve ser vencido com o êxtase de quem se levanta para aplaudir um espetáculo, e é sem romantismo ou utopia que fazemos estas analogias e comparações, trazendo nesse escrito a certeza de que esse sonho é possível. Arriscamos dizer que a essência

⁶Cantiga de despedida do espetáculo.

deste trabalho foi construída a cada dia, a cada ciranda, a cada risada, a cada fala e que realmente só tivemos noção da grandeza de toda a construção na apresentação do espetáculo, na atmosfera que emana dos encantados e na força e dedicação de todos, em novos aprendizados, principalmente pela grandeza de cada um dos participantes, com os quais aprendemos muito, lições para toda uma vida.

"É bom fazer pessoas rir, muitas vezes nós mesmos... as coisas mais simples da vida pode ser as mais marcantes... uma mensagem não precisa ser escrita ou falada, pode ser apenas observada, prestada com atenção pode ser mais intensa e real" (Rosângela Hora - estudante da EJA)

Referências:

- PACHECO, L. **Pedagogia Griô: A reinvenção da Roda da Vida**, 2ª ed. Lençóis-Ba: Grãos de Luz e Griô, 2006.
- _____, L.; CAIRES. M. (Orgs). **Nação Griô: O Parto Mítico da Identidade do Povo Brasileiro**. 1ª ed. Lençóis-Ba: Grãos de Luz e Griô, 2009.
- _____, L. **A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade**. **Revista Diversitas**, São Paulo:FFLCH/USP, ano 2, n. 3, p. 23 - 99, set 2014 / mar 2015.
- PACHECO. P. Pedagogia Griô em atos de currículos nas escolas quilombolas de Rio de Contas - Bahia. **Revista Diversitas**, São Paulo:FFLCH/USP, ano 2, n. 3, p. 359- 380, set 2014 / mar 2015.
- DESGRANGES, F. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CARBONELL, S. **Educação Estética na EJA: "A beleza de ensinar e aprender com jovens e adultos"**. 1ª ed. São Paulo: Telos, 2012.
- MÓIN- MÓIN: Revista de estudos sobre teatro de formas animadas. Jaraguá do Sul: SCAR/UEDESC, ano 1. V. 1. 2005. Anual. ISSN 1809-1385
- OLIVEIRA. E. J. S. (Org). **Tradição e Contemporaneidade na Cena do Cavalo Marinho**. 1ª ed. Salvador: UFBA/PPGAC, 2012.
- BAHIA. Superintendência de Desenvolvimento da Educação Básica. **Caderno Didático do Percorso da Aprendizagem: LINGUAGENS**. 1ª ed. Salvador:SUDEB, 2009.
- DOURADO, P.; MILET, M. E. **Manual de Criatividades**. 4º ed. Salvador: EGBA. 1998.
- www.sonhosebonecos.blogspot.com.br Acesso em 10/02/2016
- www.nacaogrio.org.br Acesso em 10/02/2016